



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A PERCEPÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”

Marta Valéria Silva Araújo– Graduanda em Pedagogia

Anne Caroline Silva Aires – Graduanda em Pedagogia

José Batista de Farias Neto- Graduando em História

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

martavalerya@hotmail.com

annec153@yahoo.com.br

netofarias46@gmail.com

adenize.queiroz.uepb@gmail.com

RESUMO

A percepção humana é um processo utilizado como ferramenta para o ser humano tomar conhecimento dos outros e do mundo em que está a sua volta, portanto esse tema se torna relevante a ser analisado na sociedade atual. Partindo deste pressuposto escolhemos a obra filmica “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, para melhor entender e compreender alguns conceitos como: a percepção, o visível e invisível, cegueira, etc. observando como esses conceitos são abordados. Este artigo tem por objetivo analisar os fatores apresentados no filme, interligando os conteúdos estudados no componente Educação Especial II no 4º período de Pedagogia na UEPB, destacando os planos e sequência mais marcantes da obra analisada. Nesta situação o filme supracitado traz a história de uma inédita e inexplicável epidemia de cegueira que se abate sobre uma cidade não identificada. A tal “cegueira branca”, assim chamada, pois as pessoas infectadas passam apenas a ver uma superfície leitosa, a doença surge primeiramente em um homem no trânsito, lentamente se espalha pelo país. Após todos ficarem cegos, todos acabam tendo que lutar por suas necessidades básicas. A história é baseada em fatos reais, porém torna-se verossímil, quando ocorre a fusão do mundo real com o mundo do cinema. Entretanto a análise das obras filmicas nos traz informações sobre um determinado tema, para que possamos refletir culturalmente sobre o mesmo e para que a partir dessa reflexão realizada possamos identificar a atuação do professor no contexto da obra filmica. Podemos concluir que a realização deste trabalho foi de grande valia, para o enriquecimento dos nossos saberes e para a concretização dos objetivos anteriormente descritos, já que trabalhar com filme não é uma tarefa fácil, e principalmente quando parte da análise filmes inclusivos.

Palavras- chaves: Percepção humana, cegueira, visível e invisível, papel do professor.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Neste artigo abordaremos o tema Percepção Humana como processo pelo qual as pessoas tomam conhecimento de si, dos outros e do mundo à sua volta. Esse processo perceptivo é uma ferramenta fundamental nos relacionamentos, pois aguça a interpretação de sinais interiores e exteriores. Como vimos na obra fílmica “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA” a visão é a percepção de raios luminosos pelo sistema visual, explorada por cada um de nós de diferentes maneiras. O filme mostra que a percepção como algo que representa a interpretação e atribuição de sentido que se dá ao que os órgãos sensoriais apreendem inicialmente, no caso do filme é a visão.

Objetiva-se neste artigo na compreensão de um sentido remanescentes (a visão), partindo da análise fílmica buscando interligar a ideia principal do filme com o papel do professor no contexto do mesmo. A preocupação desse tema se deu a partir do estudo do componente curricular, Educação Especial II, presente na grade curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, do qual a professora universitária que ministra essa disciplina é deficiente visual.

Para analisarmos a obra fílmica, utilizamos os conteúdos estudados como a Declaração de Salamanca, COLL (1995) E Mauri e Solé (2006), estudados na disciplina de Educação Especial I.

METODOLOGIA

A escolha da obra fílmica foi realizada como desafio de análise lançado pela professora do componente curricular Educação Especial do 4º período com o propósito de desenvolver uma videoteca inclusiva em sala de aula, tendo como objetivo relacionar a ideia principal do filme com a atuação do professor, para a resolução da situação problema apresentada no filme. A seleção foi feita a partir de uma busca na internet, onde pudemos escolher o filme que preferíamos. Diante da seleção feita, procuramos realizar a análise fílmica, registrando as ideias centrais e buscando interligar a obra fílmica com os conteúdos estudados em sala. Além



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de buscar um melhor entendimento sobre a deficiência visual, refletindo sobre ação da sociedade e da atuação do educador em relação a essa deficiência ressaltando como nós futuros pedagogos poderiam contribuir na vida dos “personagens” do filme. Deste modo, a mesma mandou cada aluno pesquisar um filme e fazer uma síntese.

Contudo entusiasmados, preferimos fazer um artigo como objetivo relacionar as ideias principais do filme com a atuação do professor, para a resolução da situação problema encontrada no filme. A nossa metodologia está fundamentada em um referencial teórico que sustente a relação entre cinema, educação especial e deficiência visual.

O presente trabalho compreende a análise de uma obra fílmica fundamentada em um referencial teórico que sustente a relação entre cinema, percepção e cegueira. O filme escolhido a ser analisado foi “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, com uma coprodução entre Brasil, Canadá e o Japão, e contou com a presença de atores de diferentes países. Dirigido por Fernando Meirelles e pelo roteirista Don Mckllar,

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ensaio sobre a Cegueira (2008) é uma versão cinematográfica do romance de José Saramago. A obra fílmica trata de uma cegueira branca que começou de repente e, assim como veio, espalhou-se, contaminando toda a raça humana. Os personagens de Ensaio Sobre a Cegueira (2008) são infectados por uma incompreensível “cegueira branca”, a qual se alastra como uma epidemia e, um a um, os personagens começam a perder a visão, conseguindo enxergar sob uma superfície leitosa que cobre seus olhos. Eles começam a contrair a cegueira, formando um grupo, que surge a partir de um caso isolado. O governo transforma um hospital em um local de isolamento, onde são colocados todos aqueles que já não podem ver, para que não se espalhem ainda mais a cegueira. Uma única pessoa ainda mantém a visão e essa passa por situações complexas, onde se encontra o limite entre a alteridade e a solidão.



Esse isolamento feito pelo governo é realizado na maioria das vezes em nossas escolas, em que quando queremos incluir uma criança com deficiência acabamos excluindo ela do convívio com as outras. . Todavia, para que a inclusão aconteça é preciso modificar a história dos preconceitos presentes em nossa sociedade, resgatando dessa forma os valores culturais e a valorização das diferenças, conforme define a Declaração de Salamanca (1994 p. 8-9)

[...] as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar [...] elas constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos.

É importante a Escola saber que os distúrbios visuais são vários e que isso dificulta na aprendizagem do educando, portanto é necessário que o educador não feche seus olhos para a deficiência e sim que os educadores a compreendam. Neste sentido, COLL (1995), nos apresenta a “cegueira como um tipo de deficiência sensorial, e, portanto, suas características mais central é a carência ou comprometimento de um dos canais sensoriais de aquisição da informação, neste caso o visual”.

No filme se introduz a desumanização, ou seja, quem já acedeu à condição de sujeito e com a “cegueira branca” deixa de enxergar que há outro. A desumanização que se evidencia ao longo do filme é exemplar para se pensar o efeito de uma lei que se corrompe. Pois, a lei existe, mas o fato dela não ser executada a torna corrompida.

É possível observar na obra fílmica que a partir da cegueira, as percepções antes realizadas pela visão são transferidas para outros gradientes sensoriais (audição, olfato, tato e paladar). E esses outros sentidos são aguçados a fim de compensar a ausência da visão. O mundo agora passa a ser não mais o que se vê (o visível), mas apenas o que se ouve, se cheira, se toca e se saboreia (o invisível).

Portanto, o professor não pode acreditar na potencialidade do aluno com a alguma deficiência, pois os outros sentidos serão aguçados e isso pode facilitar na aprendizagem.

A Declaração de Salamanca (1994, p. 6) caracteriza a inserção dos indivíduos que possuem NEE com uma política de justiça social, conforme explicita:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluírem-se crianças com deficiência ou sobre dotados, crianças da rua ou crianças que trabalham crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais.

Segundo Mauri e Solé (2006), a percepção de que se pode aprender é requisito da aprendizagem, mas se o professor não dá meios para o aluno, nega que ele construa seu conhecimento de maneira adequada.

Portanto, para que ocorra de fato o aprendizado dos deficientes visuais, cabe aos professores à sistematização dos conteúdos e da organização dos materiais e do meio para que o comprometimento visual não impeça a apropriação do conhecimento. Como a aprendizagem ocorre nas relações sociais, sobretudo dentro da sala de aula, o professor tem a incumbência de remover as barreiras existentes no meio social.

No Filme a mulher do médico é uma personagem em transformação. Nela se concentra todo o dilema, pois ela é a única que vê o horror, mas, ao fingir-se cega, aceita ser reduzida à mesma condição miserável daqueles que, por causa do seu poder de visão, julgava ser capaz de proteger. Daí ela chega a uma conclusão final – “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que vendo, não veem” (SARA MAGO, 2008, p. 310).

Conclui-se que o não ver, isto é, a renúncia aos padrões estéticos, é o que efetivamente aproxima as pessoas, derrubando barreiras sociais e revelando-lhes a possibilidade real do amor. Neste contexto, é necessário lembrar que o professor precisa refletir sobre sua prática em relação às pessoas com deficiências, procurando os recursos apropriados para cada uma delas. Na questão da deficiência visual é importante, trabalhar com lupas para alunos com baixa visão e com o alfabeto e livros em BRAILE, para os alunos cegos.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por finalidade abordar a percepção humana, a partir da obra fílmica “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, percepção essa interligada aos conceitos sobre deficiência visual já estudado. Partindo desse pressuposto, verificamos que a obra fílmica aqui analisada, nos faz refletir sobre a nossa condição de olhar o outro e a sua dificuldade de observar o mundo a sua volta, lembrando que todos somos “cegos” de algo na sociedade em que vivemos.

O nosso estudo foi bastante proveitoso, mesmo sabendo que trabalhar com a temática da deficiência visual é difícil, na sociedade em que não refletir sobre o tema, pois a exclusão ainda é muito presente nessa sociedade, e para que a inclusão aconteça a mentalidade da sociedade precisa mudar. Por fim, a confecção do artigo objetivou um novo olhar sobre a deficiência visual e o papel do educador nessa sociedade na maioria das vezes mais exclusiva do que inclusiva.

REFERÊNCIAS

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA. Direção de Fernando Meirelles . Produção de Niv Fichman, Andrea Barata Ribeiro, Sonoko Sakai. Roteiro: Don Mckellar . Japão, Brasil e Canadá. O2 FILMES / RHOMBUS MEDIA / BEE VINE PICTURES Distribuição - FOX , 2008. (2h1 min.).

MAURI, T., SOLÉ, Z. O construtivismo na sala de aula. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

OCHAITA, Esperanza; ROSA, Alberto. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (org.) Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.3, p.183-197.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO